

AUTOMEDICAÇÃO COM BASE NAS INFORMAÇÕES NA INTERNET NA PANDEMIA DE COVID-19

Self-medication based on information on the internet in COVID-19 pandemic.

Automedicación basada en información en internet en la pandemia COVID-19



Revista
Desafios

Artigo Original
Original Article
Artículo Original

Melca Bonini^{*1}, Gabriela Medina¹, Erica Nunes da Silva¹, Luci Mendes M Bonini², Leonardo de Souza Pieber³

¹Estudante de Medicina na Universidade Santo Amaro, UNISA.

²Docente na Universidade de Mogi das Cruzes. UMC.

³Docente do Curso de Medicina da Universidade Santo Amaro, UNISA

*Correspondência: E-mail: melca.bonini@gmail.com

Artigo recebido em 31/03/2021 aprovado em 29/04/2022 publicado em 11/05/2022.

RESUMO

Estuda-se a automedicação da população com base em informações na Internet durante a pandemia da COVID-19. O problema de pesquisa é: em que medida a população se automedicou com base em informações veiculadas pela internet, durante a pandemia de COVID-19? O objetivo deste trabalho é identificar e descrever como a população buscou, em conteúdos na internet, medicamentos diversos para se automedicar durante a pandemia. Trata-se de pesquisa descritiva, de abordagem quanti-qualitativa de corte transversal. A pesquisa é considerada de opinião, de acordo com a Resolução 510/2016 da CONEP. Os dados foram coletados a partir de um questionário elaborado para atingir os objetivos da pesquisa e foram disponibilizados pelo Google Forms®, entre fevereiro e março de 2021. 54 participantes distribuídos em 14 homens e 40 mulheres de diferentes cidades do país. Entre esses, 36 afirmaram ter buscado orientações na internet sobre medicamentos para a COVID-19, entre os quais destacam-se: vitaminas em geral; vermífugos e medicamentos para aumentar a imunidade. Concluiu-se que o distanciamento social e a redução do contato com outros semelhantes conduzem a um gasto de tempo maior diante de aparelhos conectados à internet, o que por conseguinte pode acarretar a automedicação, mesmo em pessoas com nível educacional mais elevado.

Palavras-chave: Automedicação na pandemia. Alfabetização digital. Relação médico-paciente.

ABSTRACT

This paper studies the population self-medication based on Internet during the COVID-19 pandemic. The research problem is: did the population self-medicated based on internet, during the COVID-19 pandemic? The survey is considered an opinion, according to CONEP Resolution 510/2016. The data were collected from a questionnaire designed to achieve the research objectives and were available on Google Forms®, between February and March 2021. 54 participants distributed among 14 men and 40 women from different cities in the country. Among these, 36 claimed to have sought guidance on the Internet about medicines for COVID-19, among which the following stand out: vitamins in general; worms and medications to boost immunity. It was concluded that social distance and reduced contact with similar ones lead to a greater amount of time spent with devices connected to the internet, which can therefore lead to self-medication, even in people with a higher educational level.

Keywords: Self-medication in pandemic. Health risks. Digital literacy. Doctor-patient relationship.

RESUMEN

Estudia-se la automedicación de la población basada en información en Internet durante la pandemia de COVID-19. El problema de investigación es: ¿en qué medida la población se auto medicó a partir de la información transmitida a través de Internet durante la pandemia de COVID-19? El objetivo de este trabajo es identificar y describir cómo la población buscó, en contenidos en internet, diversos medicamentos para auto medicarse durante la pandemia. Se trata de una investigación descriptiva, con un enfoque transversal cuantitativo y cualitativo. La encuesta se considera una opinión, de acuerdo con la Resolución CONEP 510/2016. Los datos fueron recolectados

a partir de un cuestionario diseñado para lograr los objetivos de la investigación y fueron puestos a disposición por Google Forms®, entre febrero y marzo de 2021. 54 participantes distribuidos entre 14 hombres y 40 mujeres de diferentes ciudades del país. Entre ellos, 36 manifestaron haber buscado orientación en Internet sobre medicamentos para COVID-19, entre los que destacan: vitaminas en general; gusanos y medicamentos para estimular la inmunidad. Se concluyó que la distancia social y la reducción del contacto con otros similares conllevan un mayor tiempo de uso de dispositivos conectados a Internet, lo que puede conducir a la automedicación, incluso en personas con mayor nivel educativo.

Descriptores: Auto medicación en la pandemia. Alfabetización digital. Relación medico-paciente.

INTRODUÇÃO

Estuda-se a automedicação da população com base em informações na Internet durante a pandemia da COVID-19. Com a popularização dos smartphones e computadores com acesso à internet e às redes sociais em contraposição à qualidade da alfabetização digital em países em desenvolvimento, como o Brasil, a população corre sérios riscos ao buscar orientações de saúde.

No início de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou emergência internacional de saúde pública a infecção com o novo corona vírus denominado SARS-CoV-2, identificado na China, que acabou denominada de COVID-19 (Corona Virus Disease) nome dado à doença, e, em pouco mais de 6 meses, quase 20 milhões de casos foram detectados e 700 mil mortes já haviam ocorrido (SADIO et al., 2021).

Desde que se identificou como pandemia, a COVID-19 trouxe algumas medidas de quarentena para quem estivesse contaminado a fim de reduzir a velocidade da contaminação. Vários países, como o Brasil, promoveram o isolamento social e um confinamento da população, o que trouxe algumas consequências como o uso excessivo do álcool, pessoas sentindo tédio, solidão e depressão (DUARTE et al, 2020; SUN et al 2020). Somados a esses fatores, uma enxurrada de notícias falsas aumentou a ansiedade e o medo de ser contaminado e morrer em consequência da doença (ZWIELEWSKI et al, 2020; DUARTE et al, 2020).

Entre as várias notícias falsas encontravam-se fórmulas caseiras para eliminar o vírus, aconselhamentos para diferentes tipos de vitaminas e medicamentos alopáticos e homeopáticos para prevenção e cura da doença, o que por sua vez estimulou a automedicação entre a população.

Automedicação pode ser definida como a obtenção e consumo de medicamentos sem orientação médica, geralmente envolvendo a venda de medicamentos que não exigem prescrição médica. Ela pode ser por uma indicação de pessoas próximas, por propagandas e informações disponíveis na internet, sites, blogs e redes sociais. As causas do uso de medicamentos sem prescrição podem estar na abundância dessas drogas disponíveis, na publicidade e ainda na dificuldade de acesso a serviços médicos (SOUZA et al, 2008).

A automedicação é uma prática comum em países em desenvolvimento, pois há falhas nos sistemas de saúde, falta orientação adequada dos profissionais que mais ficam próximos da população, dos responsáveis pelo atendimento nas farmácias de modo geral, incluindo-se o farmacêutico (AUTA et al, 2012; HELAL; ABOU-ELWAFI, 2017). A automedicação vem crescendo entre os jovens e tem sido muito comum entre estudantes universitários (HELAL; ABOU-ELWAFI, 2017).

É fato que a desinformação acerca de assuntos sobre saúde não é um fenômeno recente, estando talvez tão distante no tempo como a preocupação com a saúde em si. No entanto, na era do rádio e da televisão e mais recentemente com o uso global da web, essa carência

chegou num nível mais alto (WASZAK et al, 2018). O crescimento exponencial da internet ligou milhões de usuários num infinito canal de informações, com os tópicos saúde e medicamentos ocupando o quarto lugar entre os assuntos mais populares na rede, atrás apenas de notícias, viagens e clima (LEVY e STROMBECK, 2002; GARBIN et al, 2008).

A Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), identificou que o uso da internet chega a 79,1% dos domicílios do país e o equipamento mais utilizado para acessá-la é o aparelho celular (IBGE, 2018), o que pode levar, cada vez mais, a população brasileira a se automedicar.

A automedicação parece ser inevitável em certas circunstâncias, devido justamente a quantidade de drogas que não necessitam de receita médica, como por exemplo as medicações analgésicas, as quais muitas causam dependência no indivíduo. Dessa forma, o público deve ser motivado a uma prática responsável a fim de que ela aconteça sem causar riscos à saúde (GYAWALI et al, 2015).

Destarte, a problemática que fundamenta este estudo é: em que medida a população se automedicou com base em informações veiculadas pela internet, durante a pandemia de COVID-19? O objetivo deste trabalho é identificar e descrever como a população buscou, em conteúdos na internet, medicamentos diversos para se automedicar durante a pandemia.

Na medida em que o mundo busca conter o avanço da COVID-19, milhões de pessoas estão em uma busca frenética por informações online (ONCHONGA, 2020). A Internet 3.0 tem a propriedade de permitir que quaisquer sujeitos possam inserir conteúdos e divulgar informações tanto verdadeiras quanto distorcidas, completamente

infundadas, assim como recomendar remédios, divulgar fake news e aumentar o medo da população.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de pesquisa descritiva, de abordagem quanti-qualitativa de corte transversal. A pesquisa é considerada pesquisa de opinião e de acordo com a Resolução 510 de 2016 da CONEP – Coordenação Nacional de Ética em Pesquisa, não necessita de parecer de aprovação do CEP.

Utilizou-se para a coleta de dados o método Bola de Neve (VINUTO, 2014). Este método é “uma forma de amostra não probabilística que utiliza cadeias de referência” (VINUTO, 2014, p. 203). Os dados foram coletados a partir de um questionário elaborado para atingir os objetivos da pesquisa e foram disponibilizados pelo Google Forms®, entre fevereiro e março de 2021.

O instrumento de coleta foi enviado pelas redes sociais Whatsapp® e via e-mail, utilizando-se os contatos dos pesquisadores, cada participante era convidado a enviar o instrumento para mais dois e assim por diante. Foram 54 participantes com idade entre 18 e mais de 61 anos que responderam ao questionário. Entre os participantes estavam 14 homens (27,5%) e 40 mulheres (72,5%).

Realizou-se também uma revisão narrativa de literatura nas seguintes bases de dados: Scielo, PubMed e Google Acadêmico. Os seguintes descritores foram utilizados: SELFMEDICATION X DIGITAL LITERACY X COVID-19; SELFMEDICATION X PANDEMIC X INTERNET; SELFMEDICATION X COVID-19 X INTERNET; AUTO MEDICAÇÃO X ALFABETIZAÇÃO DIGITAL X COVID-19; AUTO MEDICAÇÃO X PANDEMIA X INTERNET e AUTO MEDICAÇÃO X COVID-19 X INTERNET.

Foram selecionados artigos entre os anos de 2008 a 2021 que trouxessem as categorias que aqui se apresentam: a) cultura da automedicação com base em informações veiculadas pela internet; b) alfabetização digital; c) automedicação durante a pandemia da COVID-19. Foram encontrados 96 artigos, dos quais selecionaram-se os que eram de acesso livre, que traziam em seus resumos revisões de literatura e resultados de pesquisas qualitativas ou quantitativas com seres humanos que abordassem as categorias selecionadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A automedicação pode ter um impacto negativo na saúde física e mental. Reconhecer formas de automedicação pode ajudá-lo a entender como o abuso de substâncias pode estar relacionado à depressão e outras condições de saúde mental.

Os 54 participantes da pesquisa estavam distribuídos quanto ao gênero, idade e escolaridade conforme explicita tabela 1. As profissões estão distribuídas, conforme tabela 2. Os participantes eram moradores de diferentes município e estados, conforme descreve a tabela 3.

Tabela 1. Perfil dos participantes.

		FA (n)	FR (%)
Gênero	Masculino	14	25,9
	Feminino	40	74
Idade	18 a 24 anos	24	44,4
	25 - 30 anos	4	7,4
	31 - 40 anos	10	18,5
	41 - 50 anos	7	12,9
	51 a 60 anos	3	5,5
	+ de 61 anos	6	11,1
Escolaridade	Ens. Médio	15	42,5
	Graduação	23	27,8
	Pós Graduação	16	29,6

Tabela 2. Profissão dos participantes

Gênero	Profissões	FA (n)	FR(%)
Masculino	Estudante	4	7,4
	Advogado	2	3,7
	Professor	2	3,7
	Médico	2	3,7
	Engenheiro civil	2	3,7
	Técnico em Seg. do Trabalho	1	1,85
	Bancário	1	1,85
Feminino	Estudante	21	38,8
	Funcionária Pública	4	7,4
	Cuidadora	3	3,7
	Professora	3	3,7
	Jornalista	2	3,7
	Costureira	1	1,85
	Manicure	1	1,85
	Projetista	1	1,85
	Psicóloga	1	1,85
	Advogada	1	1,85
	Administradora	1	1,85
	Vendedora	1	1,85
	Total		54

Tabela 3. Município dos participantes

Gênero	Município/ Estado	FA (n)	FR(%)
Masculino	Mogi das Cruzes/SP	6	11,11
	São Paulo/ Capital	2	3,7
	Osasco/SP	2	3,7
	Arujá/SP	1	1,85
	Sarandi/PR	1	1,85
	Maringá/PR	1	1,85
	Mirador/PR	1	1,85
Feminino	São Paulo/ Capital	21	38,8
	Mogi das Cruzes/SP	8	14,8
	Paranavaí/PR	3	5,55
	Foz do Iguaçu/PR	2	3,7
	St. Antônio do Caiuá/PR	2	3,7
	Campos Mourão/PR	1	1,85
	Maringá/PR	1	1,85
	Curitiba	1	1,85
	Suzano	1	1,85
Total		54	100%

Entre os participantes: 2 homens e 9 mulheres afirmaram ter tido a Covid-19 e 5 homens e 8 mulheres afirmaram que talvez tivessem tido.

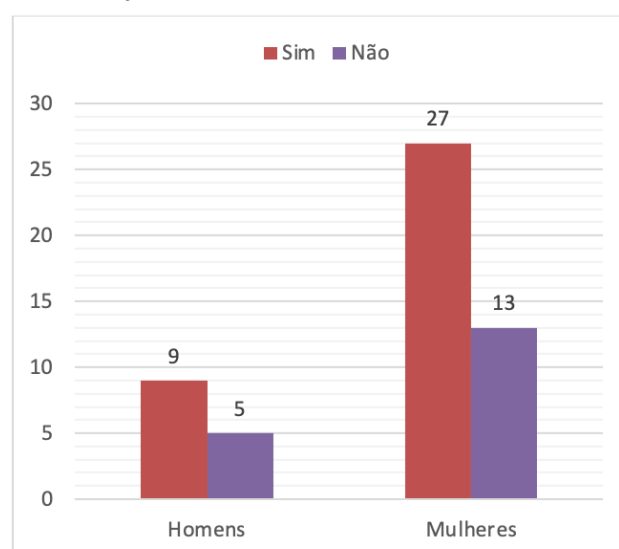
A Web 2.0 e subsequentes trouxeram a oportunidade de inserção de conteúdos em diferentes linguagens: vídeos, áudios, textos e imagens. São linguagens, muitas vezes, bem trabalhadas com conteúdo às vezes bom, quando o autor tem experiência na área e domina a linguagem dos espectadores, mas às vezes muitos conteúdos são frágeis ou até mesmo enganosos. Sun et al (2020) detectaram em sua pesquisa um crescimento acentuado do uso da internet, uma vez que as atividades face a face diminuíram e os serviços online promoveram um crescimento inevitável do uso da internet.

Observou-se, ainda, na tabela 1 o nível educacional dos participantes: 15 mulheres afirmaram ter Ensino Médio, 23 participantes afirmaram ter graduação e 16 deles afirmaram ter Pós-graduação. Sadio et al (2021) observaram que participantes com nível de ensino médio ou mais alto eram mais prováveis de se automedicar, de onde se conclui que ter acesso a informações sobre doenças pode estar associado à automedicação.

57,4% tinham graduação ou pós, os demais ou tinha Ensino Médio ou eram estudantes de graduação, o que se pode imaginar que tenham um estágio mais avançado de alfabetização digital.

Ao serem questionados se durante a pandemia da Covid-19 haviam acessado a internet em busca de informações acerca de medicamentos, os participantes se posicionaram conforme descreve o gráfico. 1.

Gráfico 1. Participantes que acessaram a internet em busca de informações acerca de medicamentos para a COVID-19



Com o avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação, a área da saúde deu um grande salto

qualitativo em termos de conteúdos acadêmicos, científicos, por um lado, mas também cresceram as informações que nem sempre auxiliam quem vai em busca de respostas, sem se preocupar em buscar um profissional (GARBIN et al, 2008).

Poiani (2020) analisou material publicitário disponível na internet sobre 10 analgésicos à base de dipirona e concluiu que algumas propagandas não trazem informações suficientes sobre os riscos e as advertências do medicamento, que os anúncios trazem possíveis causas das dores musculares, de barriga ou ainda febre, sugerindo diagnósticos, o que descumpra a Resolução 96 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária de 17 de Dezembro de 2008 que trata da propaganda de remédios.

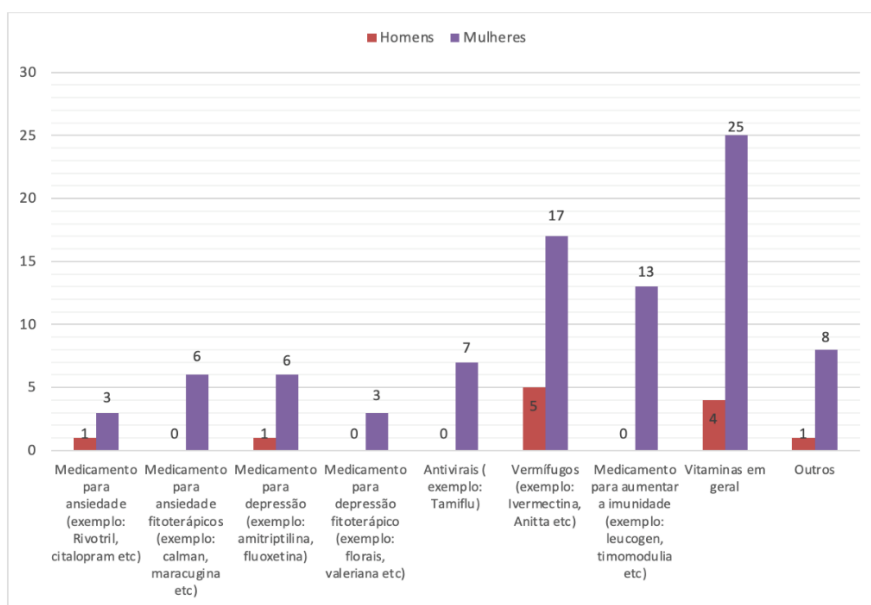
A OMS não recomenda automedicação com nenhum medicamento, incluindo antibióticos, como forma de prevenção ou de tratamento para a COVID-19. Apesar deste conselho, Sadio et al (2021)

detectaram que 34,2% dos seus participantes usaram algum tipo de tratamento sem prescrição médica.

As mulheres são as que mais acessam a internet a fim de prevenir e evitar doenças, preparar consultas, reduzir custos de tratamentos para si mesmas e para membros de sua família, embora tenham consciência de seus limites de conhecimento sobre saúde (GARBIN et al, 2008; MASLEN; LUPTON, 2018).

Ao se deparar com grupos em redes sociais, Khadim et al (2020) detectaram que 68%, das 508 mulheres entrevistadas no Senegal, praticam a automedicação e 46,3% o fazem usando o Facebook ou a internet de modo geral. A maioria das consultas são para resolver problemas de saúde como dores de cabeça, outros períodos de dor, para recomendações de analgésicos e vitaminas em geral, sendo estes últimos os mais procurados, resultado semelhante encontrado neste estudo conforme demonstra o gráfico 2, a seguir:

Gráfico 2. Consultas sobre medicamentos para a COVID-19 realizadas pelos participantes.



Quando um indivíduo busca por um determinado sintoma na internet, este sintoma pode estar fora do contexto desta pessoa como um todo, e, neste sentido, corre-se o risco de se

eliminar o início de uma doença que poderia ser evitada num futuro próximo, ou mesmo não ter agravamento. Sem um profissional que possa encaminhar para um diagnóstico mais adequado,

o risco de um agravamento da doença pode ser maior (ROBERTSON et al, 2014; MEHMOOD et al, 2020).

Saire; Lemus-Matin (2020) identificaram os medicamentos mais pesquisados em julho do 2020 em 10 países, no Brasil e no México, nesse período a Ivermectina foi a mais procurada nos tópicos do Google, Rússia e Índia, a mais procurada foi a Azitromicina; e dexametazona teve muitas buscas no Brasil, na Rússia e no México.

Feufel e Sthal (2012) concluíram que usuários menos qualificados entendem que o grande número de informações é um obstáculo para o uso da internet e dão pouca importância à fonte da informação, ao passo que os mais qualificados buscam especificar termos de pesquisa a fim de obter mais sucesso e comparam resultados em diferentes abas abertas.

Finalmente, pediu-se a opinião dos participantes acerca da automedicação em tempos de pandemia de COVID-19. A fim de deixar mais claro como as opiniões se delinearão, optou-se por separar essas “falas” por meio das seguintes categorias: gênero (idade, nível educacional, profissão); se consultou internet, teve COVID-19, não teve ou talvez tenha tido:

a) Participantes que consultaram a internet:

- Feminino, teve COVID-19

- *Automedicação é sempre perigoso, aconselho que procure um médico sempre. Seja qual for seu problema. (feminino, 51 a 60 anos, pós graduação, professora, teve COVID-19).*
- *Nem sempre dá para confiar. O médico é sempre o melhor caminho (feminino, mais de 61 anos, pós graduação, professora, teve COVID-19).*

- *Sou asmática, fiz automedicação, peguei covid e fui assintomática. Não me arrependo. Infelizmente o acesso médico, mesmo possuindo convênio, esta cada vez mais difícil. (feminino, 31 a 40 anos, graduação incompleto, funcionária pública, teve COVID-19)*
- *Posso está errada mas sempre da certo pra mim. (femjnino, 31 a 40 anos, Ensino Médio, funcionária pública, teve COVID-19)*

- Feminino, não teve COVID-19

- *Precisa ter responsabilidade para se automedicar consultando a internet. Com a pandemia era perigoso sair para usar serviços de saúde! (feminino, mais de 61, pós graduação, professora, não teve COVID-19)*
- *Perigosa, uma vez que todo fármaco ou mesmo suplemento possui efeitos adversos e/ou consequências orgânicas das quais muitos acabam não se informando. (feminino, 18 a 24 anos, graduação incompleto, estudante, não teve COVID-19)*
- *Não acho correto a automedicação pela internet, porém, a mídia nos aterrorizou de tal forma que acabamos por utilizar informações da internet como paliativo. Sempre usei a palavra de um profissional como última opção. (feminino, mais de 61 anos, pós graduação, funcionária pública, não teve COVID-19).*
- *Acho perigoso, começamos com coisas simples e pode se tornar algo vicioso no futuro. (feminino, 18 a 24 anos, ensino Médio, estudante, não teve COVID-19)*
- *Desde que consciente. E sendo maioria normal! (feminino, mais de 61 anos, pós graduação, funcionária pública, não teve COVID-19).*
- *Não me agradou. (feminino, 31 a 40 anos, ensino Médio, cuidadora, não teve COVID-19).*
- *Acredito que a internet em relação a automedicação ajuda muito, mais não temos que*

confiar 100%. (feminino, 18 a 24 anos, Ensino Médio, vendedora, não teve COVID-19).

- *Acho perigoso, começamos com coisas simples e pode se tornar algo vicioso no futuro. (feminino, 18 a 24 anos, ensino Médio, estudante, não teve COVID-19).*

- Feminino, talvez tenha tido COVID-19

- *Válida em baixas proporções e se bem pesquisado. (feminino, 31 a 40 anos, graduação incompleta, projetista, talvez tenha tido COVID-19)*
- *Muito arriscado, mas o medo de ser contaminado é sempre maior. (feminino, 18 a 24 anos, Ensino Médio, cuidadora de idoso, talvez tenha tido COVID-19)*

- Masculino, teve COVID-19

- *Não se deve fazer isso, medicação apenas com prescrição médica. (masculino, 25 a 30 anos, graduação incompleta, técnico em segurança do trabalho, teve COVID-19)*

- Masculino, não teve COVID-19

- *Buscar informação e orientação com seu médico de confiança. (masculino, 51 a 50 anos, graduação completo, médico, não teve COVID-19)*
- *Acredito que a prática de automedicação tenha 2 vertentes: Uma relacionada a prática consciente e eficaz até certo ponto, e outra danosa relacionada a desinformação e as crenças. (masculino, 18 a 24 anos, graduação incompleta, estudante, não teve COVID-19)*
- *TIVE UM ESPECIALISTA. (masculino, 31 a 40 anos, pós graduação, educador, não teve COVID-19)*
- *A eficiência ou perigo depende do nível intelectual e equilíbrio emocional que cada um possui. (masculino, 41 a 50 anos, pós graduação, bancário, não teve COVID-19).*
- *Têm que ter critério (masculino, mais de 61 anos, pós graduação, advogado, não teve COVID-19)*

- Masculino, talvez tenha tido COVID-19

- *Sou contra a automedicação, acho que as pessoas devem sim se conscientizar daquilo que pode ser utilizado (ou não) no tratamento de qualquer doença, sempre a partir da leitura de trabalhos de referências, mas nunca deixar de consultar um médico para o devido acompanhamento. (masculino, 25 a 30 anos, graduação incompleta, estudante, talvez tenha tido COVID-19)*
- *Num Estado que quer obrigar a tomar vacinas sem segurança, e sem responsabilidade por efeitos colaterais. Prefiro medicamentos usados por décadas. (masculino, 25 a 30 anos, pós graduação, engenheiro civil, talvez tenha tido COVID-19).*
- *O resultado é efetivo, melhora geral no organismo. Tenho uma "coceira" quase que crônica, na garganta, sintoma que muitos poderiam imputar ao COVID-19, no entanto, ao tomar ivermectina já melhora. O mesmo ocorre, de forma mais visível, com gargarejos, com água, vinagre e bicarbonato, fórmula adquirida pela internet. (masculino, mais de 61 anos, graduação completo, advogado, talvez tenha tido COVID-19)*

Muitos pacientes se antecipam às predições médicas consultando online fóruns ou sites sobre saúde, mas também há aqueles cuja competência para selecionar informações ainda não está bem desenvolvida. A alfabetização digital no Brasil não caminha na mesma velocidade do acesso ao nível de informação que existe nas diferentes áreas do conhecimento.

Entende-se que a alfabetização digital em saúde compreende tanto a alfabetização geral em saúde quanto as habilidades digitais, uma correlação moderada parece apropriada (VAART:DROSSAER, 2017). É necessário educar as pessoas para o básico de ética e etiqueta na internet, saber identificar/verificar uma

informação a fim de impedir a infodemia (SAXENA, 2020)

Uma discussão atual que toma corpo na internet é o surgimento do “paciente expert” (HARDY, 1999 in GARBIN et al, 2008). Este é o paciente com um nível mais alto de escolarização, que têm acesso a informações mais específicas e que acaba tornando-se mais crítico, o que pode abalar o status e a autoridade médica, e que por sua vez pode contribuir para o que os autores denominam de “desprofissionalização” do médico.

Em muitos casos, os pacientes com habilidade para selecionar adequadamente os sites que utilizam para suas pesquisas, não se sentem seguros com relação ao conteúdo e não procuram discutir com o médico aquilo que encontraram (COELHO et al 2013). Neste sentido, entende-se que a alfabetização digital seria o caminho mais correto para que o sujeito possa adquirir competências e habilidades para identificar o que é confiável (GUIMARÃES; CARVALHO, 2020).

b) Participantes que não consultaram a internet

- Feminino, teve COVID-19

- *Péssima ideia, cada paciente é específico. (feminino, 18 a 24 anos, Ensino Médio, estudante, teve COVID-19)*

- Feminino, não teve COVID-19

- *Não aconselho (feminino, 41 a 50 anos, pós graduação, jornalista, não teve COVID-19)*
- *A automedicação com base nas informações obtidas na internet não é recomendada pois podemos chegar num diagnóstico errado ou até mesmo acabar fazendo uso indiscriminado de algum tipo de substância que pode acarretar consequências futuras pra nossa saúde. (feminino, 25 a 30 anos, graduação incompleto, estudante, não teve COVID-19).*

- Feminino, talvez tenha tido COVID-19

- *Na minha opinião, a automedicação pode gerar graves prejuízos à saúde, pois o medicamento pode conter algum componente que a pessoa automedicada seja alérgica ou intolerante. Sendo assim, entendo que só devemos tomar remédios sob prescrição e acompanhamento médico. (feminino, 18 a 24anos, graduação incompleto, estagiária, talvez tenha tido COVID-19)*

- Masculino, não teve COVID-19

- *Uma péssima ideia e risco alto de intoxicação medicamentosa. (masculino, 31 a 40 anos, pós graduação, médico, não teve COVID-19)*
- *Irresponsável atitude. (masculino, 41 a 50 anos, pós graduação, professor, não teve COVID-19)*

- Masculino, talvez tenha tido COVID-19

- *Não acredito que seja ideal (masculino, 18 a 24 anos, graduação incompleto, estudante, talvez tenha tido COVID-19)*

Sieck et al (2021) creem que a telemedicina e a alfabetização digital podem auxiliar na redução das desigualdades, no acesso de qualidade os programas de saúde, principalmente na atenção primária.

Király et al (2020) acreditam que existem certas estratégias para prevenir o uso problemático da internet ao longo da pandemia, entre elas estão: ter consciência da auto regulação do tempo diante da tela e do tempo gasto com dispositivos em geral, já que ao reduzir o acesso há a probabilidade de diminuição do impacto negativo das informações sobre a pandemia; usar digitais que forneçam feedback sobre o tempo gasto em aplicativos diferentes também pode ser útil para aumentar a consciência e a auto regulação. Temos como exemplo: tecnologia pré-programada, períodos ou programas grátis, definição de limites específicos e ainda limites financeiros para compras online, tais como limites diários, semanais e/ou mensais.

CONCLUSÕES

Este trabalho tinha como objetivo identificar e descrever em que medida a população buscou, em conteúdos na internet, medicamentos diversos para se automedicar durante a pandemia de COVID-19.

Concluiu-se que a alfabetização digital tem o potencial de favorecer a tomada de consciência para a busca de informações adequadas e, conseqüentemente, possibilitar um maior cuidado com o que disponibilizam na rede mundial, sejam elas propagandas, bens de consumo, profissionais de saúde ou simplesmente influenciadores digitais sem a formação necessária para a orientação médica.

A telemedicina, ainda tímida no país, pode auxiliar neste sentido, fazendo com que o acesso a um profissional de saúde preparado para cada especialidade possa, então, encaminhar para melhores diagnósticos e conseqüentemente melhores tratamentos.

Os autores agradecem a todos os participantes da pesquisa.

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

REFERÊNCIAS

AUTA, A.; OMALE, S.; FOLORUNSHO, T.J.; DAVID, S.; BANWAT, S.B. Medicine vendors: self-medication practices and medicine knowledge. **N Am J Med Sci.** v. 4. N.1. p. 24-28. Jan. 2012.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância sanitária. **Legislação consolidada e comentada.** Propaganda de Medicamentos. Disponível em: <https://media.crfns.org.br/orientacao/legislacao-consolidada-e-comentada--propaganda-de-medicamentos--anvisa-196.pdf>. Acesso em 03.11.2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. ANVISA. **Res. RDC 96 de 17 de dezembro de 2018.** Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2008/rdc0096_17_12_2008.html. Acesso em 21.03.2021.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. PNAD Contínua TIC 2018: Internet chega a 79,1% dos domicílios do país. Agência IBGE notícias. 24.04.2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais>. Acesso em 03.11.2020.

COELHO, E.Q.; COELHO, A.Q.; CARDOSO, J.E.D. Informações médicas na internet afetam a relação médico paciente? **Rev. Bioética.** n.21.v.1., p.142-149. 2013.

DUARTE, M.Q.S.; SANTO, M.A.S.; LIMA, C.P.; GIORDANI, J.P.; TRENTINI, C.M. COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva.** V. 25. N.9. p. 3401-3411. August 28, 2020. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020259.16472020>.

FEUFEL, M.A.; STAHL, F. What do Web-Use Skill Differences Imply for Online Health Information Searches? **J Med Internet Res.** 2012. 14(3):e87). DOI: 10.2196/jmir.2051

GARBIN, H.B.R.; PEREIRA NETO, A.F.; GUILAM, M.C.R. A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 12, n. 26, p. 579-588, Sept. 2008.

GUIMARÃES A.S., CARVALHO W.R.G. Desinformação, negacionismo e automedicação: a relação da população com as drogas “milagrosas” em meio à pandemia da COVID-19. **InterAm J Med Health.** v.3:p. 1-4, 2020.

GYAWALI, S.; SHANKAR, P.P.; POUDEL, P.P., SAHA, A. Knowledge, Attitude and Practice of Self-Medication Among Basic Science Undergraduate Medical Students in a Medical School in Western Nepal. **Journal of Clinical and Diagnostic Research.** v. 9. n. 12. P.17-22. Dez, 2015.

HELAL, R.M.; ABOU-ELWAFI, H.S. Self-medication in University students from the city of Mansoura, Egypt. **Journal of Environmental and Public Health.** Hindawi Volume 2017. p. 1-7, 2017. DOI. <https://doi.org/10.1155/2017/9145193>.

KIRÁLY, O.; POTENZA, M.N.; STEIN, D.J.; KING, D.L.; HODGINS, D.C.; SAUNDERS, J.B.; GRIFFITHS, M.D.; GIONESKA, B., BILLIEUX, J.; BRAND, M.; ABBOTT, M.W.; CHAMBERLAIN, S.R.; CORAZZA, O. BURKAUSKAS, J.; SALES, C.M.D.; MONTAG, C.; LEE, H.K.; RUMPF, H-J.; CASTRO-CALVO, J.; RAHIMI-MOVAGHAR, A.;

HIGUCHI, S.; MENCHON, J.M.; ZOHAR, J.; PELLEGRINI; L.; WALIZTA, S. FINEBERG, N.A.; DEMETROVICS, Z. Preventing problematic internet use during the COVID-19 pandemic: Consensus guidance. **Comprehensive Psychiatry**. N.100. p. 1-4. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.comppsy.2020.152180>

KHADIM, et al. Self medication of Senegalese women through social networks. **Health** vol 12, 4iApril 2020. Disponível em: <https://www.scirp.org/journal/paperinformation.aspx?paperid=99836>. Acesso em 03.11.2020.

LEVY, J.A.; STROMBECK, R. Health benefits and risks of the internet. **Journal of Medical Systems**, Vol. 26, No. 6, December 2002.

MASLEN, S, LUPTON, D. “You can explore it more online”: a quantitative study on Australian women’s use of online health and medical information. **BMC Health Services Research**. 18, 916 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30509261/>. Acesso em 03.11.2020.

MEHMOOD, AR et al. Self Medication: An Emerging Trend. **British Journal of Pharmaceutical Research**, November 2016. Disponível em: SSRN: <https://ssrn.com/abstract=3527398>. Acesso em 03.11.2020.

ONCHONGA, D. A Google Trends study on the interest in self- medication during the 2019 novel coronavirus (COVID-19) disease pandemic. Letter to the Editor. **Saudi Pharm J**. 2020 Jul; 28(7): 903–904. doi: [10.1016/j.jsps.2020.06.007](https://doi.org/10.1016/j.jsps.2020.06.007)
POIANI, L.C.; SCHMID, C.; MATINEZ, L.L. Análise de material publicitário, disponível na internet sobre analgésicos à base de dipirona que são vendidos sem a necessidade de prescrição, e os riscos da automedicação. **Arquivos Médicos**. v.65. n.6. 2020.

ROBERTSON, N., POLONSKY, M., & MCQUILKEN, L. Are my symptoms serious Dr Google? A resource-based typology of value co-destruction in online self-diagnosis. **Australasian Marketing Journal (AMJ)**, 22(3), 246–256. 2014. DOI:10.1016/j.ausmj.2014.08.009.

SADIO, A.J; GBEASOR-KOMLANVI, F.A.;KONU, R.Y.; BAKOUBAYI, A.W.; TCHANKONI,M.K.;BITTY-ANDERSON, A.M.; GOMEZ, I.M.; DENADOU, C.P.; ANANI; J.;KOUANFACK, H.R.; KPETO; I.K.;SALOU; MOUNEROU; EKOUEVI, D.K. Assessment of self-medication practices in the context of the COVID-19 outbreak in Togo. **BMC Public Health** v. 21, n. 58.

p. 2-9. 2021. <https://doi.org/10.1186/s12889-020-10145-1>.

SAIRE, J.E.C.; LEMUS-MARTIN, R. Analysis of internet trends related to medications for COVID-19 in ten countries with the highest number of cases. **Association the Advancement of Artificial Intelligence**. Pre print. 2020.

SAXENA, P. Covid-19information, infodemic, interventions. **Wutan Huatan Jisuan Jishu**. Vol.41. n. 12. P.107-115. Dez 2020.

SIECK, C., RASTETER, M.; MCALEARNEY, COUKLD TELEHEALTH IMPROVE EQUITY DURING THE covid-19 pandemic? **J.AM Board Fam Med**. V. 34. Suplemento. P. S225-S228. Fev. 2021.

SOUZA, J.F.R., MARINHO, C.L.C., GUILAM, M.C. Consumo de medicamentos e internet: análise crítica de uma comunidade virtual. **Rev Assoc Med Bras**. v. 54. n. 3. p. 225-31.2008.

SUN, Y.; LI; Y.; BAO, Y. ; MENG, S.; SUN, Y. SCHUMANN, G. KOSTEN, T.; STRANG, J. LU, L.SHI, J. Brief Report: Increased Addictive Internet and Substance Use Behavior During the COVID-19 Pandemic in China. **The American Journal on Addictions**, n. 29. p. 268–270, 2020 DOI: 10.1111/ajad.13066.

VAART, R.; DROSSAERT, C. Development of the Digital Health Literacy Instrument: Measuring a Broad Spectrum of Health 1.0 and Health 2.0 Skills. **Journal of Medical Internet Research**, v. 19, n. 1, p.01-13, 2017. <http://dx.doi.org/10.2196/jmir.6709>.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014.

WASZAK, P.M.; WASZAK, W.K.; KUBANEK, A. The spread of medical fake news in social media – the pilot quantitative study, **Health Policy and Technology**. 2018. DOI: 10.1016/j.hlpt.2018.03.02.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Guidelines for the regulatory assessment of medicinal products for use in self-medication**. Geneva. 2000.

ZWIELEWSKI, G.OLTRAMARI, G.; SANTOS, A.R.S.; NICOLAZZI, E.M.S.; MOURA, J.A.; SANT’ANA, V.L.P.; SCHILIDWEIN-ZANINI, R. CRUZ, R.M. Protocolos para tratamento psicológico em pandemias: as demandas de saúde mental produzidas pela COVID. 19. Rev. Debates in Psychiatry. Ahead of print., 2020.

